

Surpreendido em Plena Conspiração Peronista o Adido Naval da Rússia

TERÇA-FEIRA, às 17h13m, partiu de Buenos Aires o capitão Alexandre Morosov, adido naval à embaixada soviética na Argentina. No sábado anterior, às 18h30m, o governo argentino fizera saber ao embaixador russo que aquele capitão deixara de ser «persona grata» e pedira sua retirada do país em 24 horas, prazo que mais tarde foi dilatado.

Tanto o Ministério das Relações Exteriores da Argentina como a Embaixada russa se negaram a dar qualquer esclarecimento sobre os motivos pelos quais o capitão Morosov deixara de ser «persona grata». Até o momento também não se sabe de qualquer protesto que as autoridades russas hajam feito, nem se tem conhecimento de nenhum ato em represália, embora isso não esteja fora de perspectiva.

É evidente que o governo argentino não tomaria uma tal providência sem motivos muito sérios para fazê-lo. Quais? Não podemos afirmar com absoluta certeza, mas temos uma versão que nos foi dada (indiretamente) por uma pessoa altamente colocada no governo argentino e depois confirmada por um oficial de Marinha. O vice-presidente Rojas, a quem interrogamos sobre o assunto, negou-se a dar qualquer esclarecimento, alegando apenas que o competente para falar no caso era o minis-

tro do Exterior, que continua a manter reserva diante de todos os jornalistas.

GRANDE «CANÔA» PERONISTA

Foi sábado à noite que o capitão Morosov foi declarado «persona non grata». Na madrugada de sexta-feira houve uma diligência policial-militar de grande envergadura que todos os jornais noticiaram; o noticiário mais detalhado, entretanto, foi feito na edição de 53 de junho do «Buenos Aires He-

RUBEM BRAGA AUSCULTA A REALIDADE ARGENTINA

rald», jornal de língua inglesa que se edita aqui.

Os títulos são: «Subversive thugs rounded up in Ezeiza» e «Dawn operation by combined forces».

Conta o «Herald» que aos 30 minutos da sexta-feira reuniram-se na praça fronteiriça ao Congresso 300 policiais, destacamentos da Marinha, da Aeronáutica e dos Gendarmes, sob o comando do capitão Borzone, dali partindo todos para Ezeiza, localidade próxima, onde se situa o aeroporto internacional de Buenos Aires. Essa força procedeu à prisão de cerca de 200 pessoas, 80 das quais foram levadas para a Central de Polícia.

A informação que temos é que essa grande «canôa» da madrugada foi feita

em um dos enormes conjuntos de habitações populares existentes próximos ao aeroporto de Ezeiza e que, apesar do imenso espaço disponível ali, são formados de blocos de edifícios de vários andares, e não de casas. Um desses conjuntos tinha o nome de «Cidade Evita», em homenagem à falecida senhora do ex-ditador.

O fato de terem êles sido erguidos junto à auto-estrada que liga o aeroporto à cidade era característico do afa do antigo regime em deixar bem patente ao visitante estrangeiro suas realizações no campo social.

Esta a versão que nos chegou, e que nos parece bastante provável: quando os policiais e militares examinavam os documentos das pessoas detidas, houve uma que se negou a atender à ordem de prisão, afirmando gozar de imunidades diplomáticas: era o capitão Morosov.

Como o adido russo não deu nenhuma explicação satisfatória sobre sua presença em um meio onde não é habitual a presença de diplomatas, e em contacto com elementos que as autoridades consideram peronistas e aliancistas, possivelmente implicados na onda de atos terroristas que agora se nota, resolveu o governo argentino exigir sua retirada de Buenos Aires.

Na mesma ocasião teria sido preso também um tenente-coronel argentino.

(Conclui na 13.ª página)

Sexta-feira, 13 de Julho de 1956

DOMINGO: Publicaremos a Entrevista Exclusiva Que o Almirante Rojas Concedeu a Rubem Braga

Surpreendido em Plena...

(Conclusão da 1.ª página)
MOTIVOS DA BATIDA

Alguns dias antes havia sido noticiado um atentado contra o cap. Mário Robbio, chefe do Estado-Maior da Armada. Sua casa foi atacada por indivíduos armados que se puseram em fuga em um automóvel quando dois fuzileiros navais reagiram.

Pouco depois foi descoberta uma bomba que alguém colocara junto à casa de outro oficial de Marinha. Mais uns dias e alguém atirou, através da vidraça, contra a casa do almirante Gaston Clement, na rua Paraná; o almirante encontrou uma bala de calibre 38.

Houve, ainda, atentados e atos de sabotagem em várias províncias, sem vítimas, e afinal, na noite de terça-feira, um tiroteio nas proximidades da residência do almirante Rojas; neste caso, entretanto, a versão oficial é que houve uma escaramuça entre policiais e criminosos comuns, e não um atentado de caráter político.

A «canôa» de Ezeiza visava prevenir atentados e atos terroristas que estariam sendo tramados por peronistas e elementos da extinta aliança nacionalista ali residentes. A presença do capitão Morosov teria sido uma surpresa; há quem afirme, entretanto, que êle há muito vi-

nhá sendo discretamente seguido pela polícia secreta.

É interessante assinalar que no noticiário referente à batida de Ezeiza não se faz nenhuma referência a comunistas, mas somente a peronistas e seus companheiros aliancistas. O adido russo estaria agindo assim não em ligação com os comunistas, mas com os partidários do ex-ditador, a quem instruiria sobre a técnica terrorista. Ou apenas (é outra versão) junto aos quais buscaria apenas informações sobre o «back-ground» da política argentina.

Sem elementos para ajuizar melhor os fatos, aqui deixamos as versões correntes em meios responsáveis.

13.7.56